

ESTÉTICA INDÍGENA JÊ NO PARANÁ: TRADIÇÃO E MUDANÇA NO ACERVO DO MUSEU PARANAENSE

Cláudia Inês Parellada*

RESUMO: Neste artigo discute-se a estética de dois grupos indígenas Jê no Paraná: Kaingang e Xokleng através do acervo arqueológico e etnográfico do Museu Paranaense, inaugurado em 1876 em Curitiba. A análise conjunta de dados históricos e do patrimônio material do museu, e sobre como esses objetos foram incorporados e são gerenciados na instituição, permitiu a revisão de materiais de origem duvidosa. No estudo buscou-se a construção de um banco de dados sobre a estética indígena Jê no Paraná, com aspectos diagnósticos que evidenciam os saberes tradicionais desses grupos e as mudanças que ocorreram.

PALAVRAS-CHAVE: estética indígena Jê, arte indígena, arqueologia paranaense

THE NATIVE “JÊ” AESTHETICS IN PARANÁ: TRADITION AND CHANGE IN THE “PARANAENSE” MUSEUM COLLECTION

ABSTRACT: *This paper deals with the aesthetics of two indigenous groups of Paraná: Kaingang and Xokleng. This is done on the basis of the archaeological and ethnographical collections of the Paranaense Museum, opened in 1876 in the city of Curitiba. The associated analysis of historical data and material collection of the museum, and of how these objects have been taken in and are managed in the institution, allowed for the review of materials of doubtful origin. The study was systematized in a data bank about Jê indigenous aesthetics in Paraná, with a diagnosis that features the traditional knowledge of those groups and the changes that occurred.*

KEYWORDS: *Jê indigenous aesthetics, indigenous art, Paraná's archaeology*

INTRODUÇÃO: ESTÉTICA E ETNO-HISTÓRIA NO PARANÁ

A estética e o próprio campo abrangido pela categoria arte é, na vida dos índios, muito maior que a definição ocidental privilegia, como os adornos com penas ou a cerâmica pintada, conforme Van Velthen (2000). Assim, a estética em grupos indígenas pode ser observada em diferentes aspectos do cotidiano, das formas de apropriação do espaço e da natureza e, ainda, da memória mítica e arqueológica. Objetos como, por exemplo, cestos e

* Doutora em Arqueologia pela USP, pesquisadora do Museu Paranaense, Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, trabalha com arqueologia e arte indígena.

peneiras, além das funções de uso podem traduzir a riqueza estilística e, ao menos, parte do conteúdo simbólico das famílias que os produziram (RIBEIRO, 1989), e ainda devem ser mencionadas as pinturas e gravuras nos corpos, nas rochas, nas armas, nos objetos cerimoniais, que mostram e reafirmam a mitologia dessas sociedades.

A diversidade da estética indígena no Paraná vem sendo observada desde os primeiros viajantes como Hans Staden, em 1549, descrevendo os tupiniquins no litoral norte paranaense. Em ilustração da obra de Staden, de 1557, em locais a oeste de Superaguí, provavelmente o alto e médio Ribeira, é apontado como área dos Goianás (STADEN, 2000). Nessa região, junto à Serra do Mar, Gabriel Soares de Souza (1987) relata a presença, em 1587, de índios Guaianás, detalhando especificidades desses povos. Nos estudos de Borba (1908) já houve a vinculação dos Guaianá com grupos ancestrais dos Kaingang, e Prezina (2000) faz uma interessante discussão, levantando uma série de fatos que permitem essa associação.

Ainda, em diversos documentos dos séculos XVI e XVII, como os relativos à ocupação espanhola e às quinze reduções jesuíticas na Província do Guairá, que abrangia praticamente todo o interior paranaense e onde foram caracterizados índios das famílias lingüísticas Jê e Tupi-Guarani. A maioria das reduções era com índios Guarani, porém, algumas foram fundadas com Jê, ancestrais dos Kaingang e Xokleng, como as reduções de *San Antonio* e *San Miguel*, onde havia os Campeiros também denominados Cabeludos e Coroados, e as de *Guañãos* e *San Pedro*, com índios *Gualachos* (MONTROYA, 1985; PARELLADA, 1997). Nos documentos da época descrevem-se estruturas subterrâneas, e diferenças lingüísticas e culturais entre esses grupos e os Guarani.

Em 1765, o governador da Província de São Paulo, D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, toma posse, e inicia uma série de expedições aos sertões do Ivaí, Tibagi e Iguaçu (Lovato, 1974). Os relatos de parte destas expedições, que visavam o reconhecimento do território e dos recursos naturais, além da conversão dos índios, as comandadas pelo tenente-coronel Afonso Botelho, estão publicados nos Anais da Biblioteca Nacional (1956), sendo que existem mapas deste período localizando alguns aldeamentos indígenas (in FRANCO, 1943).

Na décima expedição de Afonso Botelho, iniciada em 17 de novembro de 1771, houve o encontro dos paulistas com índios Coroados, antiga denominação dos Kaingang, no Campo dos Carrapatos, área situada entre os vales dos rios Pinhão e Jordão. Os episódios ocorridos nesta expedição, foram ricamente ilustrados em 37 quadros por Joaquim José de Miranda (BELUZZO, 1994; BELUZZO et al., 2003), mostrando habitações retangulares, sempre em número de quatro, alinhadas lateralmente de duas em duas, ou de cinco, com rio e um lago próximo. Nestes quadros, que retratam o final do século XVIII, aparecem trajes e maneiras de construção dos corpos dos indígenas, armas, algumas bordunas são semelhantes às Kaingang do século XIX que existem no acervo do Museu Paranaense, além do arranjo espacial de habitações e de aldeias.

Padre Chagas Lima, capelão de expedição colonizadora dos sertões de Guarapuava em 1809, observa a existência naquela região de índios Camés, Votorões, Dorins e Xocrens, sendo que os Xocrens estavam em áreas entre os rios Iguaçu e Uruguai (TAUNAY, 1931).

Em 1882, Cemitille (in PARANÁ, 1889) relatou que os Kaingang mudavam-se quase todos os anos a proporção que os recursos naturais escasseavam, e quando encontravam locais com muita caça e mel construíam grandes casas, de 25 a 37m de comprimento, cobertas e tapadas com folhas de palmeira, sem repartição alguma, no centro acendendo fogo para cada família. Simiema (2000), fazendo análise de dados etno-históricos relacionados a moradias Jê, observa que a largura das habitações coletivas (*In*) variava entre 4 a 5 metros, e o

comprimento de poucos até 30 metros, não havendo no interior delas separações espaciais entre as famílias.

Em 1866, Franz Keller (in LOVATO, 1974) descreveu, inclusive com ilustrações, as casas de Coroados ou *Ca-en-gagn* da Província do Paraná, a partir de observações realizadas durante a exploração dos rios Ivaí, Tibagi, Paranapanema e Iguaçu. O interior de uma habitação Coroado, desenhada por Keller no século XIX, está ilustrada em Parellada (2006), e mostra com detalhes aspectos das proporções geométricas das dimensões e da disposição de objetos e indivíduos dentro da casa. A largura e a altura são praticamente as mesmas, e a abertura para entrar na habitação tem altura de um terço do total da parte frontal. Podem ser visualizados cestos, vasilhames e esteiras, apesar do desenho estar apagado. Geralmente, Keller fazia um esboço a lápis para depois fazer aquarelas, como a do interior da habitação Caiuá ilustrado em Belluzzo (1994).

Deve ser comentado que entre vários objetos e mesmo padrões decorativos de cestaria e trançado Kaingang e Xokleng, etno-históricos e atuais, as formas tem proporções assemelhadas às das habitações.

As estruturas de habitação em paleo-aldeias Jê, caracterizadas por fotointerpretação no alto vale do Ribeira, nordeste paranaense, revelam que as casas retangulares foram construídas em grande parte dos sítios cerâmicos Itararé-Taquara dos conjuntos Marrecas e Morro Grande, com comprimento e largura muito variáveis, entre 10x 6m a 20x 8m, sendo que a medida mais recorrente é a 15x 6m, estes são dados de pesquisa arqueológica realizada entre 1999 e 2005 (PARELLADA, 2006). As datações de sítios Jê naquela região concentram-se entre 1.000 e 800 anos AP (antes do presente, ou seja, antes de 1950, data de criação do método de datação pelo carbono 14), portanto, antes do contato com os colonizadores europeus.

Além das expedições militares oficiais houve algumas “científicas”, que se intensificaram a partir da chegada da Família Real ao Brasil. No século XIX, as viagens de exploradores e naturalistas europeus, foram complementados por outros especialistas, como engenheiros e geólogos do Governo Imperial. No sul do Brasil, o Barão de Antonina encarrega Joaquim Francisco Lopes e John Elliot de realizarem viagens nos sertões do Paraná e Mato Grosso, entre 1844 e 1848.

As explorações oficiais, realizadas na segunda metade do século XIX, tinham o propósito, muitas vezes, de estudar a possibilidade de implantação de vias de comunicação a locais de difícil acesso; preocupação estimulada com a Guerra do Paraguai (LOVATO, 1974).

Na Província do Paraná, o Iguaçu foi explorado pelos irmãos Keller (KELLER; KELLER, 1867), que também descrevem os grupos indígenas, documentando em textos e imagens os índios Coroados ou Kaingang, como exemplos têm-se uma índia carregando criança através de testeira e trajando curús com decoração geométrica em vermelho, e um índio com coroa em plumária verde e vermelha.

No acervo do Museu Paranaense existem dois curús Jê, tecidos em urtiga brava, com detalhes em negro e vermelho costurados, formando padrões decorativos geométricos, em losangos. Essas grandes mantas, com seis a sete palmos de comprimento, também podiam ser pintadas, em vermelho, e com desenhos que representariam facões, machados e flechas, segundo relato de um cacique para o frei Cemitille (In: PARANÁ, 1889), que não achava semelhança entre os objetos e as figuras do tecido. Nas tramas de cestos Kaingang existentes no Museu Paranaense, principalmente os documentados por Loureiro Fernandes em 1941 no sudoeste do Paraná, esse motivo geométrico em losangos se repete; porém, o que representariam ainda tem que ser mais pesquisado.

Em textos escritos por religiosos, viajantes e colonos do século XIX do interior do Paraná, essas tramas em cestos e tecidos são descritas como representando detalhes de peles

de animais mamíferos, répteis e, mesmo, peixes, além de perfis simplificados de pássaros e insetos e também de símbolos característicos das diferentes famílias.

O explorador inglês Thomas Bigg-Wither (1974), que esteve em 1874 na Província do Paraná, no médio vale do Tibagi, fez interessante ilustração de Coroado com manto de grandes penas, um longo bastão em madeira, além de tornozeleiras.

Um bastão cerimonial, em guajuvira e de seção trapezoidal, do líder Kaingang Paulino Arak-xó, que pertenceu também ao pai de Arak-xó, foi doado ao Museu Paranaense em 1939 pela filha de Telêmaco Borba. Por muito tempo, devido as várias mudanças do museu, a peça ficou com procedência indeterminada, e em análise recente foram observadas pinturas nas quatro faces desse bastão, de comprimento 1,40m e largura 4,5cm, possivelmente o mesmo citado em Muricy (1975, p.177), que o visualizou com Arak-xó em barranca da margem direita do rio Ivaí, na localidade de Areião em 1896. As pinturas em preto (figuras humanas, seres fantásticos e animais) em cada face desse bastão parecem representações simbólicas dos quatro mitos Kaingang relacionados por Borba (1908): do dilúvio, *Nhara* (agricultura ou milho), canto e dança, e como conseguiram o fogo, que foram relatados pelo próprio Arak-xó a Borba no final do século XIX.

Nos séculos XVIII e XIX o território paranaense era cortado pelos caminhos das Tropas, o mais antigo era o de Viamão a Sorocaba, sendo que havia outra estrada, aberta pelos fazendeiros paranaenses, que partia da região missioneira gaúcha atravessando o planalto catarinense em Chapecó, seguia até Palmas cortando o Iguaçu, e depois pelo vale do Jordão até Guarapuava alcançando o alto Ivaí, e em Ponta Grossa encontrava o tronco principal do Caminho do Viamão. Nessas duas estradas ocorreram muitos conflitos entre grupos indígenas Jê e os novos colonizadores (MACHADO, 1963; MOTA, 1994; LAROQUE, 2007).

No século XIX são muitos os relatos de viajantes, imigrantes e intelectuais em periódicos, como exemplo o jornal curitibano Dezenove de Dezembro, e em livros como os de Paraná (1899) e Borba (1908), entre muitos outros.

Atualmente, as diferentes expressões simbólicas dos povos indígenas são representadas através da arte e da linguagem, inclusive o artesanato, onde há o contínuo reconstruir e relembrar dos mitos, que contêm a essência da memória social. Antigamente, os espaços dentro da aldeia expressavam as características destas sociedades, e reproduziam as relações de parentesco. Era também com os mitos e os ritos que ocorria a perpetuação da memória e do controle de território.

MUSEU PARANAENSE : O ACRERVO ARQUEOLÓGICO E ETNOLÓGICO RELACIONADO A POPULAÇÕES DA FAMÍLIA LINGUÍSTICA JÊ

O Museu Paranaense, inaugurado em 1876, e na época denominado Museu de Curitiba, era uma instituição particular, tendo como seus primeiros diretores Agostinho Ermelino de Leão e José Cândido da Silva Murici (FERNANDES, 1936).

Inicialmente foram reunidos materiais que participaram de exposições internacionais e representavam aspectos diferenciados do Paraná (LEÃO, 1882), sendo o acervo bastante diversificado, e a incorporação de objetos arqueológicos e indígenas acontecia através de doações esporádicas por intelectuais, empresários e populares, que encontravam esses vestígios em áreas de plantações agrícolas, na abertura de estradas e ruas, na construção e reforma de edificações, e mesmo, comprados ou trocados com índios. Em 1882, o Museu passa a pertencer à Província do Paraná com o nome de Museu Paranaense, e tem o seu regulamento aprovado (CARNEIRO, 2001).

Romário Martins, diretor do Museu Paranaense entre 1902 e 1926, freqüentemente recebia a visita de indígenas na instituição, recebendo materiais e entrevistando alguns indivíduos Jê e Guarani, e publicou diversos artigos sobre os Kaingang.

Em 1936, com a nomeação do médico e antropólogo Loureiro Fernandes como diretor do Museu Paranaense houve alterações no tratamento do acervo, através da criação de departamentos técnicos com novos pesquisadores. A partir de 1938 aconteceu uma significativa ampliação das coleções etnográficas e arqueológicas através do financiamento de pesquisas em várias áreas do litoral e interior do Paraná, inclusive em parceria com a Universidade do Paraná (MENEZES, 1967). Loureiro Fernandes buscou incessantemente o aumento do acervo do museu, inclusive através da aquisição coleções particulares, como exemplos a de Telêmaco Borba e a do fotógrafo José Ruhland, de Florianópolis, gerente da Sociedade Livonius, de Blumenau, sendo a última adquirida em 1941.

Entre 1950 e 1965, o Museu Paranaense recebia parte do material recuperado em campo de vários cursos intensivos de arqueologia realizados no Paraná, com arqueólogos brasileiros e estrangeiros, como Altenfelder Silva, Oldemar Blasi, Anette Laming e Joseph Emperaire, entre muito outros. A escavação do sítio arqueológico Estirão Comprido, com múltiplas ocupações, sendo grande parte dos materiais Itararé-Taquara, trouxe importantes contribuições científicas.

O cineasta e documentarista Vladimir Kozak registrou várias atividades dessa época, tanto em fotografias, slides, pinturas a óleo e aquarelas, além de filmes e registros sonoros, todos esses materiais, inclusive equipamentos e mobiliários, foram incorporados ao acervo do Museu Paranaense a partir de 1979, data de falecimento de Kozak, que não possuía herdeiros. São muitos os documentos imagéticos dele relacionados aos Kaingang e Xokleng, do sul do Brasil, especialmente Paraná e Santa Catarina. Em 1966, Vladimir Kozak ainda conseguiu fazer o registro da manufatura de redes em urtiga brava por índia Xokleng, que usou bigorna e batedor em diabásio para a retirada da fibra; dessa mesma época aquele cineasta documentou em filme e fotografias a produção de cerâmica por índia Xokleng, em Ibirama, Santa Catarina, através das técnicas do modelado e roletado, com queima a céu aberto.

Ainda, como auxílio a compreensão da tecnologia de confecção da cerâmica do litoral paranaense, Kozak registrou a Senhorinha Romão e seus auxiliares, em 1960, que utilizavam uma mistura de técnicas indígenas e caboclas.

Em 1954, com o apoio de Loureiro Fernandes, houve a criação do Instituto de Pesquisas da UFPR, que junto com o Museu Paranaense, realizou diversas escavações em sítios do Paraná. Logo depois veio a separação da Universidade, mas o Museu Paranaense continuou a realizar pesquisas arqueológicas intensivas em praticamente todo o Paraná.

O acervo do Museu Paranaense foi dividido com a criação de várias instituições no século XX, como por exemplo, em 1963, na fundação do Museu de Arqueologia e Artes Populares da Universidade do Paraná, em Paranaguá, quando parte do acervo arqueológico e etnológico foi repassado a esse novo museu.

Alguns museus e centros culturais foram criados no interior do Paraná com parte do acervo arqueológico emprestado, através de termos legais, do Museu Paranaense, como, em 1990, o Museu do Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, em Fênix, Paraná, em 1994, o Centro Cultural de Cidade Gaúcha, em município do oeste paranaense, no baixo rio Ivaí, e, em 1999, o Museu Regional do Iguaçu, junto à Usina Hidrelétrica de Segredo, no médio rio Iguaçu, em Reserva do Iguaçu (PARELLADA, 1997, 2006; BRUNO, 1999). Nestas instituições existem materiais expostos relacionados aos grupos Kaingang e/ ou Xokleng, e a tradição arqueológica Itararé-Taquara.

A compreensão da tradição Itararé-Taquara como relacionada a populações da família lingüística Jê, atualmente representados pelos Kaingang e Xokleng, e aos descritos em documentações históricas em território paranaense, como os Guaianás, Gualachos, Chiquis, Dorins e Camperos, entre outras denominações, e em seguida ao contato com os jesuítas do Guairá no século XVII, como Coroados, fica evidenciada com a análise de documentação etno-histórica e do acervo material de museus e instituições culturais. Deve ser comentado que foram chamados de Coroados devido à tonsura circular no cabelo que homens e mulheres realizavam no alto da cabeça, provavelmente imitando religiosos da época, como os frades franciscanos.

O Museu Paranaense tem um rico patrimônio sobre esses grupos, pois a coleção Telêmaco Borba, de grupos indígenas do vale do Tibagi no final do século XIX, e parte da Ruhland, sobre os Xokleng, está em sua posse, e como a instituição foi criada em 1876 teve a possibilidade de receber dos próprios indígenas alguns materiais que os representavam. Como os museus passam por diferentes administrações, muitas vezes as informações básicas de origem da peça acabam se perdendo, porém quando resgatadas, como são as ilustrações do sepultamento coletivo de índios Coroados, do final do século XIX, junto ao aldeamento de São Pedro de Alcântara, e do interior de habitação Coroadado (PARELLADA, 2006), também da mesma época, trazem importantes contribuições para as discussões interpretativas na arqueologia, na etno-história e na antropologia.

Desde dezembro de 2002, com a construção da nova sede do Museu Paranaense, bem como a instalação de equipamentos de ar-condicionado e desumidificadores, agora os materiais arqueológicos e etnológicos estão armazenados em reservas técnicas climatizadas. A reserva com acervo arqueológico possui temperatura de 21° C e umidade de 60%, constantes, através do sistema de refrigeração, e o controle de infestações, vem ajudando na conservação dos materiais orgânicos e inorgânicos resgatados em campo ou já existentes no Museu.

Os materiais arqueológicos estão separados por matéria-prima, higienizados, numerados individualmente, organizados em caixas de plástico com estrutura alveolar, de cor transparente e/ ou cinza, etiquetadas segundo a ordem de numeração das coleções, e protegidas com papel de ph neutro. As embalagens tem dimensões padronizadas de 35x 24,4x 13cm, sendo que em algumas situações houve a necessidade de ampliação da altura das caixas para a inserção de materiais com tamanhos que ultrapassavam os limites da embalagem padrão.

As caixas estão organizadas em estantes de aço, com mezanino, algumas esmaltadas e outras com pintura em epoxi-pó, a mais recomendada para o uso neste caso, sendo todas as áreas da reserva técnica sinalizadas e indexadas na tabela principal de listagem de coleções.

As coleções arqueológicas e etnológicas do Museu Paranaense estão informatizadas, exclusivamente as de cultura material, para isso foi utilizado o sistema de banco de dados Access, onde facilmente são visualizadas características básicas para a identificação das coleções. O banco de dados do acervo arqueológico, com cerca de 2.500 coleções e 305.000 peças, constitui um conjunto de tabelas relacionadas, sendo que na principal foram definidos os seguintes campos: número da coleção, sítio arqueológico, município, estado, projeto, descrição sintética dos materiais, classificação, locais de coleta, nível, data da coleta, data da doação, coletores e/ ou doadores, referências bibliográficas, indexação das caixas, localização na reserva técnica e/ ou em exposições, além de observações sobre o estado de conservação e se houve restauro nas peças. A partir desta tabela principal são emitidos formulários e relatórios, que são impressos em razão de diferentes projetos em andamento no Museu Paranaense, ou mesmo para esclarecer questões relativas ao acervo. Do total desse acervo cerca de 600 coleções e 55.000 peças são relativas a ancestrais

de grupos Jê meridionais, ou seja, grande parte diretamente filiados à Tradição Itararé-Taquara.

O banco de dados do acervo etnológico, com cerca de 3.000 peças, constitui um conjunto de tabelas, sendo que na principal foram definidos os campos: número da coleção, etnia, localidade, município, estado, termos e categorias segundo o Thesouro da Funai (MOTTA, 2006), descrição sintética dos materiais, descrição e histórico da peça, estado de conservação, intervenções e/ou restauro, dimensões, forma de aquisição, data de coleta e/ou doação, coletores e/ou doadores, referências bibliográficas, indexação das caixas e posicionamento do acervo. Desse total cerca de 300 peças são relacionadas à etnia Kaingang, e 250 a Xokleng, sendo a maioria delas armas, como arcos e flechas. Nas Kaingang é grande a presença de cestos e chapéus, coletados em 1939 por Loureiro Fernandes, e nas Xokleng os cestos em taquara e cipó imbé revestidos internamente de cera de abelha e os tembetás em osso, nó de pinho e guajuvira, bastão de lavar, virotes em madeira e diabásio, além das bolsas em urtiga brava, cujas impressões aparecem em vasilhames arqueológicos do acervo do Museu, porém com idade mais recuada.

Desde 2005 vem sendo pensadas novas estratégias para aprofundar os trabalhos de estudo das coleções arqueológicas e etnológicas, bem como fazer novas parcerias, como por exemplo a com o Programa de Voluntariado Paranaense (Provopar), a Secretaria de Estado da Educação do Paraná e a Assessoria de Estudos Indígenas, que culminaram na elaboração do “Kit da Cultura Indígena”, financiado pelo Provopar, com a edição de um livro didático inserido nas bibliotecas das escolas públicas estaduais, um dvd sobre as etnias indígenas paranaenses, um cd com músicas Guarani, e vinte peças de artesanato Kaingang e Guarani, incluindo cestos, colares, miniaturas em madeira e cachimbos, entre outros (PARELLADA et al. 2006).

Ainda vem sendo realizados, pelo Museu Paranaense e pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, em conjunto com outros órgãos governamentais e não governamentais, cursos, oficinas e debates sobre as etnias Kaingang, Xokleng, Guarani e Xetá, especialmente em relação aos temas cerâmica, arte, artesanato, e análise e gerenciamento da cultura material. Projetos de estudos arqueométricos da cerâmica, dos trançados, dos tecidos e das pinturas rupestres estão sendo construídos e desenvolvidos, em parceria com universidades públicas federais e estaduais.

ESTÉTICA E ARQUEOLOGIA PRÉ-COLONIAL

Supõe-se que, o território paranaense, já entre 12.000 e 15.000 anos atrás, era ocupado por povos caçadores-coletores, que, possivelmente, conviveram com a megafauna, até cerca de 6.000 anos atrás. Os primeiros habitantes eram povos nômades, que subsistiam através da caça e da coleta de frutos, raízes e mel, sendo caracterizados pelos diferentes materiais lascados que produziam, como as pontas de projéteis (PARELLADA, 2006). As pinturas e gravuras rupestres encontradas no Paraná, principalmente em abrigos e cavernas nos arenitos dos Campos Gerais, nas rochas básicas do Terceiro Planalto e em granitos do Primeiro Planalto, estão relacionadas a diferentes populações que habitaram o território paranaense desde, comprovadamente, dez mil anos passados.

As pinturas são, geralmente, figuras de animais associadas a representações geométricas, além de seres humanos, em tons vermelhos, marrons e preto, e muito raramente, em amarelo. Alguns animais foram representados em fila, de perfil, associados a grades, e vistos de cima ou de frente. Em vários abrigos existem pinturas geométricas abstratas, como

pontos, círculos e linhas, mais recentes, que sobrepõem figuras de animais, geralmente em vermelho e marrom. Parte dessas pinturas e gravuras rupestres, no Paraná, com datação entre quatro mil e trezentos anos atrás, parecem estar relacionadas a grupos Jê (PARELLADA, 2003).

Há 7.000 anos atrás, com o clima tornando-se mais quente e úmido, a ocupação do território foi intensificada com o aumento populacional de grupos caçadores-coletores, inclusive os sambaquieiros no litoral, que confeccionavam esculturas de animais, em rocha e/ou osso, os zoólitos e os zoósteos, geralmente associados a sepultamentos (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960).

Os primeiros povos agricultores e ceramistas chegaram no Paraná há 4.000 anos, vindos do planalto central brasileiro, ocupando preferencialmente as terras altas do sul brasileiro, e parece ter ocorrido troca genética entre esses grupos e o caçadores-coletores que já ocupavam o território. Ao longo do tempo dispersaram-se por todo o território paranaense, sendo ancestrais de índios da família lingüística Jê, representados atualmente pelos Kaingang e Xokleng.

Os Jê meridionais, atualmente representados pelos Kaingang e Xokleng¹, teriam se separado e iniciado a migração, em direção ao sul, há cerca de três mil anos, provavelmente buscando relevos geográficos semelhantes ao habitat originário (URBAN, 1992, p.90).

Viviam em aldeias, com até 300 pessoas, e os territórios eram marcados através da gravação de símbolos clânicos em abrigos rochosos e em troncos do pinheiro Araucária.

Ancestrais de índios Jê, nos quais provavelmente se incluem os Xokleng e os Kaingang, cremavam os mortos, e ambos esses grupos faziam cemitérios em danceiros ou em abrigos rochosos, onde eram realizadas pinturas e gravuras. Os Kaingang, no século XIX e no início do século XX, enterravam os mortos em estruturas subterrâneas, forradas com folhas de palmáceas e cobrindo com montes de terra que se assemelhavam a pequenas pirâmides, como são os casos descritos em Manizer (2006) e Parellada (2006).

A cerâmica relacionada aos ancestrais de índios Jê no Paraná caracteriza-se pelo pequeno volume e a espessura fina, com eventual engobo negro ou vermelho, e em alguns casos marcada com impressão de tecido ou malha, ou mesmo carimbada e incisa, na face externa dos vasilhames. Existem vários estudos sobre a cerâmica Kaingang e Xokleng, como de Miller Jr (1978), Robrahn-Gonzalez (1997), Silva (1999), e Noelli (1999).

A confecção dos vasilhames era feito por diferentes técnicas, como o modelado, onde a argila era modelada com as mãos, como exemplo estão os cachimbos com forninho redondo e haste cerâmica recuperados no sítio arqueológico Estirão Comprido, em Prudentópolis, Paraná, e podia-se também usar porongos, frutos ocos, como moldes internos de pequenas vasilhas. Esses frutos eram queimados com a argila aderida na superfície, desaparecendo com as altas temperaturas, mas deixando impressões no interior dos vasilhames.

Na cerâmica arqueológica Itararé-Taquara, além dos métodos de manufatura pelo modelado e roletado já descritos anteriormente na bibliografia, estudos recentes no Museu Paranaense, desenvolvidos através de arqueologia experimental associada a análise de tipos e

¹ Houve muitas discussões sobre a distância entre essas duas línguas Jê, que sobreviveram ao tempo, sendo que alguns autores consideravam o Xokleng um dialeto Kaingang, como Henry (1941), Metraux (1946), e Nimuendaju e Guérios (1948). Entretanto, Paula (1924), Schaden (1988) e Santos (1973), constataram várias diferenças entre um grupo e o outro.

direções de fraturas em fragmentos e peças cerâmicas arqueológicas, apontaram a manufatura de parte da cerâmica pela técnica do paleteado, que explicaria como foram confeccionados alguns pequenos vasos com altura maior que a largura, e com as paredes bastante finas.

No paleteado confeccionava-se o vasilhame inicialmente através de um cone de argila apoiado em seixo arredondado de pedra, que era batido sucessivamente com uma paleta de madeira ou outro seixo, fazendo-se peças de diferentes formas e tamanhos. Foram realizados vários exames radiográficos em material cerâmico Itararé-Taquara e Guarani, na clínica médica Diagnosis, através de conjunto radiológico RC 300D Salgado & Herman de capacidade máxima de 300 miliampère, com timer eletrônico de precisão, sendo o tempo de exposição de 0,06s e a radiação variando entre 52 e 60kV. As peças analisadas foram posicionadas em mesa Bucky, com acabamento em alumínio, gaveta de aço inox e grade anti-difusora 8.1-80.

As radiografias confirmaram que alguns vasilhames Itararé-Taquara foram confeccionados pela técnica do paleteado, observando-se uma massa muito homogênea e a ocorrência de marcas de impactos, com formas ovaladas a circulares de dimensões variadas.

Nas radiografias de objetos feitos pela técnica do roletado, comum em vasilhames Guarani, podem ser visualizados traços da junção de cordéis, a maioria horizontalizados, e, em algumas amostras, cordéis de composição diferenciada, devido a argila e os antiplásticos possuem proporções ou origens variadas. Assim, tanto a técnica do paleteado como a do roletado pode ser caracterizada pela radiografia, isso com a correta seleção da intensidade de radiação a ser aplicada.

Na técnica do roletado, usado tanto por grupos Tupi-Guarani como Jê, os vasos eram confeccionados através de roletes ou cordéis de argila, sucessivamente ligados e apoiados uns sobre os outros, secos a sombra, e depois havia a sucessão de brunidura ou polimento da superfície externa através de pequenos seixos arredondados, principalmente em silexito, folhas de palmito ou espátulas em madeira ou concha, que foram caracterizados em documentos etno-históricos e em escavações arqueológicas desenvolvidas no Paraná (PARELLADA et al., 2007).

A queima da matéria orgânica se dá a 600° C, o que faz com que parte dos antiplásticos, como carvão e componentes orgânicos da argila, decomponham-se com a temperatura elevada.

O engobo é uma fina camada de pigmentos, aplicados posteriormente a manufatura do vasilhame, na superfície, antes, durante ou depois da queima; pode modificar a cor e aumentar a impermeabilização da peça, sendo que os Itararé-Taquara comumente usavam o engobo negro e o vermelho. O engobo negro consegue-se através do esfumamento: na queima do vasilhame, quando se torna rubro devido a temperatura, é colocado sobre a palha de milho seca, e assim ocorre reação de combustão, onde o carbono adere intensamente à superfície do vasilhame que fica com um película negra assemelhada a um verniz.

O engobo vermelho, geralmente inorgânico, como óxido de ferro moído diluído em água, é aplicado sobre a superfície do vasilhame, com maior frequência, antes da queima, mas pode ser colocado depois, o que diminui a durabilidade da cor e a própria impermeabilização.

Os artefatos em pedra eram polidos e/ ou lascados, como os raspadores, plainas, lâminas de machado com formas petalóides e mais raramente semi-lunares, pilões e mãos de pilão, virotes em diabásio e outros. Os virotes são pontas de projétil com forma rombuda, para derrubar pinhas e abater pássaros.

Há 2.000 anos atrás aparecem, em território paranaense, os ancestrais dos índios Tupi e Guarani, provavelmente vindos da Amazônia. Os Guarani, também agricultores,

viviam em aldeias, em grandes casas comunais, sendo as habitações Guarani mais largas que a dos Kaingang. Essas proporções parecem se repetir nas formas tradicionais das vasilhas Kaingang e Guarani. A cerâmica característica Guarani era decorada, com pinturas geométricas, vermelhas e pretas sobre engobo branco, ou incisões e marcações com as unhas e a polpa dos dedos; eram comuns os cachimbos cerâmicos. As técnicas de manufatura da cerâmica incluem o roletado e o modelado (MELIÁ *et al.*, 1987). Algumas representações da cerâmica arqueológica Guarani parecem estar relacionados a cruz e a serpente, elementos mitológicos (TOCHETTO, 1996).

DISCUSSÕES SOBRE A ESTÉTICA KAINGANG E ZOKLENG NO PARANÁ

No Estado do Paraná existem atualmente quatro grupos indígenas: Kaingang, Guarani, Xokleng e Xetá, sendo que a maioria vive nas 23 terras indígenas demarcadas pelo governo federal. A economia dessas áreas baseia-se na produção agrícola, e a complementação da renda familiar, tanto para os Kaingang como para os Guarani, origina-se do artesanato: cestos em taquara, balaio, chocalhos, colares, arcos e flechas, além de esculturas em madeira.

A arte indígena é uma forma de comunicação através de símbolos das sociedades nativas, onde se consegue manter a diversidade cultural através do tempo. O artesanato indígena paranaense vem representar parte da grande riqueza cultural desses povos originários.

Os Kaingang e os Xokleng pertencem a família lingüística Jê, e os Kaingang são a terceira maior etnia indígena do Brasil, sendo que no Paraná, morando em Terras Indígenas, são 9.000 Kaingang e 50 Xokleng. No passado, esses grupos possuíam extensas áreas de caça e pesca no Paraná, além da prática agrícola, cultivando diversas variedades de milho, abóbora, feijão e mandioca (TOMMASINO, 1995; HELM, 1997).

Os Kaingang constituíam uma sociedade dualista patrilinear, matrilocal, com duas metades clânicas: *Kamé* e *Kanhru*, as quais eram divididas em subgrupos. A organização social está relacionada à mitologia, e a partir dela eram definidas as funções de cada indivíduo no grupo, estabelecendo regras quanto a nominação, casamento, pintura corporal e a participação nos rituais. D'Angelis (2001) analisando a língua Kaingang demonstrou a existência de um sistema semântico, baseado na oposição de gênero, com um sistema de classificação nominal, e que está intrinsecamente ligado aos qualificativos *ror* e *téj*, questionando os dialetos Kaingang descritos por Wiesemann (1978).

No culto aos mortos, o *kikikoi*, a pintura facial caracterizava o subgrupo ou clã ao qual pertencia o indivíduo. As pinturas corporais eram pretas, feitas com carvão (BALDUS, 1979), e Metraux (1946, p.457) afirma que os Kaingang usavam mais carvão do que urucum, e que o pigmento era carvão misturado com mel e água ou com a seiva pegajosa de uma trepadeira. Algumas pinturas eram feitas através de um carimbo em madeira, inclusive com os colmos da taquara para a metade Votor, e Baldus (1979) e Veiga (2006) descrevem em detalhes tanto os pigmentos de cada grupo quanto às diferentes formas de pinturas corporais conhecidas entre os Kaingang. Geralmente, a pintura era feita na face de cada indivíduo, mas em relatos históricos eram realizadas em toda a superfície do corpo, e cobertas por penas e plumas (BORBA, in PARANÁ, 1899; BIGG-WITHER, 1974).

A pintura está sempre associada aos qualificativos *ror* e *téj*, respectivamente baixo-redondo ou grosso-compacto, e alto-comprido ou fino-difuso, relacionados aos clãs

Kanhru e *Kamé*, e uma oposição importantíssima na categoria classificatória da cosmovisão Kaingang (BORBA, 1908; NIMUENDAJU, 1993; VEIGA, 1994; SILVA, 2001).

No mito do dilúvio podem ser percebidas as relações de oposição existentes, Schaden (1988) já ressaltava que a dualidade dos heróis *Kayurukré* e *Kamé* constituem a expressão mítica da oposição entre as metades exógenas da tribo. Os *Kayurukré* são relacionados a metade *Kanhru*, pois segundo Nimuendaju (1987), *kré* significaria família, descendente. Os *Kayurukré* aparecem com maior prestígio social nos dois mitos, em relação aos *Kamé*, seja na saída da montanha através de um local sem pedras, com água, seja como doadores de água ou mesmo criadores de onças (tigres).

Os Kaingang, tem uma relação de identidade com a onça, animal chamado por Borba de tigre, e assim, conforme Nimuendaju (1987, 1993), eles percebem-se como onças e vangloriam-se do parentesco com aqueles animais, e quando pintam a pele com manchas ou listras para a luta, acreditam que também na aparência se assemelham bastante à onça. Ainda aquele autor destaca que, apesar de serem citados no mito de criação quatro ancestrais: *Kaingang*, *Kayurukré*, *Kamé* e *Curuton*, o primeiro e o último quase não são citados; e que nas pesquisas realizadas com Kaingang ele mesmo só ouviu a menção de dois ancestrais: *Kanhru* e *Kamé*.

Nimuendaju (1987) também observa que o ancestral *Kañeru* seria de caráter fioso, capaz de decisões rápidas, mas instável, e de corpo esbelto e leve, enquanto o *Kamé* seria pesado, tanto de corpo como de espírito, mas perseverante. A pintura corporal característica dos *Kanhru* seriam manchas e a dos *Kamé* listras. O sol é considerado como pertencente ao clã *Kamé* e a lua ao clã *Kanhru*.

A mutilação dos dentes incisivos superiores em forma de “V” descrita por Fernandes (1941) ainda é praticada atualmente por alguns indivíduos das Terras Indígenas Paranaenses, principalmente as situadas no vale do rio Tibagi e Ivaí.

Depois do contato com os europeus houve uma gradual transformação na cultura material, incorporando características dos colonizadores luso-brasileiros e europeus. Exemplos são o uso de metais na confecção das pontas de flecha, como as descritas para os Xokleng por Santos (1997), e a adoção de trajes ocidentais para cobrir o corpo, entre muitos outros. Teciam com fibras da urtiga brava, tanto mantas com trama fechada, os *curús*, decoradas com pintura ou bordadas com figuras geométricas, como malhas com tramas abertas, usadas como bolsas, para carregar materiais, que existem ao menos quatro no acervo do Museu Paranaense.

Para trançar as tiras de taquara produzindo desenhos geométricos, parte destas tiras eram mergulhadas na água misturada com carvão de nó de pinho e resinas vegetais resultando em uma cor enegrecida. A casca da araucária, e de um tipo de cipó fervido, propiciavam tons castanho-avermelhados (FERNANDES, 1941). Esses desenhos estão relacionados a elementos míticos, como alguns peles e couros de animais.

Atualmente, no Paraná, os Kaingang fazem cestos, alguns grandes, como os cargueiros, com tramas e padrões decorativos que caracterizam a identidade grupal. Usam, geralmente, muitas cores, como o roxo, o rosa, o verde, o amarelo e o vermelho, procurando resgatar o colorido dos adornos em plumária, como diademas e brincos, que acabaram caindo em desuso ao longo do tempo. Afinal, Borba (in PARANÁ, 1899, p.342) declara que usavam “bellas coroas de penas (*arangretára*) de várias cores e muito elegantes...”

Os cestos em taquara, *kre* em língua Kaingang, e segundo Silva (2001) que estudou grupos no Rio Grande do Sul, possuem três formas básicas, os longos ou compridos, os cargueiros - *kre téj*, os redondos ou baixos - *kre ror*, os de fundo quadrado - *kre kōpó*, e os com alça de embira, *kre iyr*. Os cestos podem ser usados na armazenagem de líquidos, como os impermeabilizados com cera, ou serem usados no transporte objetos pesados, inclusive

produtos agrícolas. A fibra do caraguatá era matéria-prima de cordas e cordões de alta resistência (BECKER; LAROQUE, 1999).

As flautas, antes cobertas por tramas de taquara e imbé, e penas coloridas de arara, praticamente não são produzidas. Porém, atualmente, os chocalhos feitos em porongos, e adornados com desenhos e penas coloridas de galinha, são vendidos em grande quantidade. O som do chocalho Kaingang é diferente do Guarani, pois a quantidade e os tipos de sementes inseridos no interior dos porongos são diferenciados, conforme a etnia indígena. Atualmente, algumas miniaturas de armas, como arcos e flechas são decoradas com lã e penas coloridas de galinha, e podem ser cobertas por trançado de taquara e cipó imbé, com motivos geométricos.

Os adornos em plumária e a pintura corporal, descritos nos séculos XVI e XVII, acabaram, ao longo do tempo, sendo substituídos pelos trajes dos colonos luso-brasileiros. Vender tecidos em algodão e/ou urtiga brava fiados nas aldeias, e trabalhar como empregados de fazendas de gado, foi durante os séculos XVIII e XIX, as principais estratégias de sobrevivência dos Kaingang e Xokleng no Paraná. Em 1966, Vladimir Kozak ainda conseguiu fazer o registro da manufatura de redes em urtiga brava por índia Xokleng, que usou bigorna e batedor em diabásio para a retirada da fibra; dessa mesma época aquele cineasta documentou em filme e fotografias a produção de cerâmica Xokleng, em Ibirama, Santa Catarina, através das técnicas do modelado e roletado, com queima a céu aberto.

A confecção de cerâmica indígena diminuiu muito no século XIX, pois a cerâmica começou a ser substituída por recipientes em metais, como o ferro e o cobre, trocados através do trabalho em fazendas e vilas que surgiam no Paraná. Miller Jr (1978) realizou um detalhado levantamento em campo de métodos de manufatura, queima e tratamento de superfície com índias Kaingang do interior de São Paulo; sendo que naquela época no Paraná já não houve registro de índios Jê que fizessem cerâmica.

Atualmente, buscam-se possibilidades de releituras para a cerâmica Kaingang e Xokleng como alternativa de renda para os indígenas, afinal houve uma quebra da tradição e os vestígios arqueológicos e documentação histórica podem contribuir nessa “releitura” de um saber antes tradicional.

A confecção de flautas em bambu e chocalhos com porongos, que podem ser pirogravados, e adornados com penas coloridas, e /ou cobertos com trançado em taquara e imbé, mostra a musicalidade dos Kaingang. Borba (in PARANÁ, 1899, p.339) descreve instrumentos musicais usados no século XIX pelos Kaingang: “... a buzina de chifre de boi ou de taquara (*saquerê*), a flauta de taquara (*coquê*), o maracá (*xiê*), o apito de taquara e mais um instrumento de taquara fina, com uma cabeça furada na extremidade e a que chamam de *estorerê*”.

A confecção de cestos, em taquara, decorados com tramas geométricas, mais escuras, em cipó imbé, mantêm-se até hoje, com algumas características diferenciadas, como por exemplo o uso da anilina para colorir as fibras de taquara e alguns motivos geométricos sofreram influência de outros grupos indígenas, como os Guarani, e da sociedade ocidental envolvente. Desta forma, algumas tramas, a partir de 1990 são substituídas por letras e palavras homenageando eventos como torneios de futebol e losângos podem tornar-se simplesmente números arábicos.

Antigamente, as cestas-cargueiro podiam transportar cargas pesadas, pois possuíam tiras de embira, seguras pela testa, e cordas em fibras de caraguatá, muito resistentes. No acervo do Museu Paranaense ainda se tem várias destas cestas, tanto Kaingang como Xokleng.

Hoje, os Kaingang no Paraná confeccionam muitos colares, anéis e pulseiras, em taquara, cipó imbé, algumas vezes com pequenos porongos e penas coloridas, outras vezes com sementes e contas. Borba (in PARANÁ, 1899, p.342) informa que, no século XIX, havia

“... grandes ramaes de contas brancas ou de dentes de bugios...” No acervo do Museu Paranaense existem poucos adornos peitorais com essas características. Porém, existem vários colares Xokleng com peças em metal, como pedaços de isqueiros e balas de espingardas, em meio a contas e sementes; e ainda há cintos penianos Xokleng, feitos em fibras de urtiga brava, da coleção Ruhland.

O artesanato indígena é uma forma de continuidade da reprodução de motivos decorativos tradicionais, em cestas e trançados, que representam figuras e elementos mitológicos Kaingang e Xokleng, fundamentais na afirmação da identidade cultural desses grupos.

O estudo da arte indígena, além de importante por contribuir no mapeamento dos povos que ocuparam o território paranaense, também pode colaborar bastante na melhora da qualidade de vida das comunidades atuais. A população se percebe herdeira de saberes tradicionais, preservando e enriquecendo as culturas populares, além de resgatar a memória coletiva e exercer a cidadania.

Assim, foi construído um banco de dados sobre a estética indígena do Paraná através do acervo do Museu Paranaense, que está permanentemente sendo ampliado através de novas pesquisas antropológicas e arqueológicas, além da criação de mais um espaço de discussão e fomento a arte e artesanato indígena, em parceria com outros órgãos do governo e não-governamentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANAIAS DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional ,v.76, 1956.
- BALDUS, Herbert. O culto aos mortos entre os Kaingang de Palmas. In: BALDUS, H. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1979. n.101, p.8-33.
- BECKER, Ítala I.B.& LAROQUE, Luís F.S. *O índio Kaingang do Paraná: subsídios para uma etno-história*. São Leopoldo: Unisinos, 1999. 344p.
- BELUZZO, A.M.M.; AMOROSO, M.R.; SEVCENKO, N.; PICCOLI, V. *Do contato ao confronto: a conquista de Guarapuava no século XVIII*. São Paulo: BNP Paribas, 2003.
- BIGG-WITHER, T.P. *Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná, três anos em suas florestas e campos 1872/ 1875*. Rio de Janeiro; Curitiba: José Olympio; EdUFPR., v. 3, 162, 1974. 420p. (Col. Documentos Brasileiros)
- BORBA, Telêmaco M. *Actualidade indígena*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908. 171p.
- BRUNO, Maria Cristina O. *Programa de musealização: Museu Ecológico Segredo*. Copel. São Paulo, Relatório Interno MAE-USP/ Copel, 1999.
- CARNEIRO, Cíntia M.S.B. *O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná, 1902 a 1928*. Dissertação, Mestrado em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

CHMYZ, Igor. José Loureiro Fernandes e a arqueologia brasileira. *Cadernos de Arqueologia*, CEPA-UFPR, 10: 43-105, 2006.

D'ANGELIS, W.R. Gênero em Kaingang? *Anais do 1 Encontro sobre Línguas Macro-Jê*. Londrina: UEL, fev. 2001.

FERNANDES, José L. *Museu Paranaense: resenha histórica, 1876-1936*. Curitiba: Museu Paranaense, 1936.

FERNANDES, José L. Os Caingangues de Palmas. *Arquivos do Museu Paranaense*, v.1, p.161-229, 1941.

FRANCO, Arthur M. *Diogo Pinto e a conquista de Guarapuava*. Curitiba: Museu Paranaense, 1943.

HELM, Cecília M.V. *Kaingang, Guarani e Xetá na historiografia paranaense*. Curitiba: Design Estúdio Gráfico, 1997. 27p.

HENRY, J. *Jungle people: a Kaingang tribe of the highlands of Brazil*. 1 ed. New York: J.J.Augustin Publisher, 1941.

KELLER, Joseph & KELLER, Franz. Relatório da exploração do rio Iguassú feito em 1866. *Relatório do Ministério da Agricultura*, Rio de Janeiro, 1867.

LAROQUE, Luís F.S. Fronteiras geográficas, étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no sul do Brasil (1889-1930). *Pesquisas*, Antropologia, São Leopoldo, n.64, 2007.

LOVATO, Leda. A contribuição de Franz Keller a etnografia do Paraná. *Boletim do Museu do Índio, Antropologia*, Rio de Janeiro, n.1, novembro 1974.

MAACK, Reinhard. *Geografia física do Estado do Paraná*. Curitiba, Papelaria Max Roesner Ltda, 1968.

MACHADO, Brasil P. Contribuição ao estudo da história agrária do Paraná. *Boletim da Universidade do Paraná*, departamento de História, Curitiba, n.3, p.1-27, 1963.

MANIZER, Henrich H. *Os Kaingang de São Paulo*. Tradução de Juracilda Veiga. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, 2006. 64p.

MELIÁ, Bartolomeu; SAUL, M.V.A.; MURARO, V.F. *O Guarani: uma bibliografia etnológica*. Santo Ângelo: FUNDAMES, 1987.

MENEZES, Maria J. A arqueologia pré-histórica do Paraná (história). *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, Curitiba, n.9, p.56-105, 1967.

MILLER JR, Tom O. Tecnologia cerâmica dos Caingang paulistas. *Arquivos do Museu Paranaense, nova série etnologia*, Curitiba, n.2, 51p., 1978.

MONTOYA, Antonio R. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraná, Paraguai, Uruguai e Tape*. Tradução Arnaldo Bruxel. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1985. 264 p.

MOTA, L.T. *As guerras dos índios Kaingang: a história dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)*. Maringá: EDUEM, 1994. 275p.

MOTTA, Dilza F. & OLIVEIRA, Leandra. *Tesouro de cultura material dos índios do Brasil*. Rio de Janeiro: Funai/ Museu do Índio, 2006.

MURICY, J.C.S. *Viagem ao país dos jesuítas*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1975.

NIMUENDAJU, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. Tradução Charlotte Emmerich; Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: HUCITEC-EDUSP, 1987. 156p.

NIMUENDAJU, Curt. *Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. 160p.

NIMUENDAJU, C.; GUÉRIOS, R.F.M. Cartas etno-linguísticas. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, Nova série II, p.207-241, 1948.

NOELLI, F.S. Repensando os rótulos e a história dos Jês no sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, USP, São Paulo, supl. 3, p.285-302, 1999.

PARANÁ, S. *Chorographia do Paraná*. Curitiba: Typ. Livraria Economica, 1899. 741p.

PARELLADA, Claudia I. Análise da malha urbana de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632)/ Fênix-PR. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, USP, n.5, p.51-61. 1995.

_____. *Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo/ Fênix - PR*. 1997. 211p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Dep. Antropologia, Univ. Federal do Paraná, 1997.

PARELLADA, Claudia I. Pinturas rupestres no centro-leste e nordeste paranaense. Artigo editado no CD-ROM dos *Anais do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, São Paulo, SAB, 2003.

PARELLADA, Claudia I. *Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná*. 2005. 271p. Tese (Doutorado em Arqueologia), www.teses.usp.br, USP, São Paulo, 2006.

PARELLADA, Claudia I. Manifestações estéticas Kaingang e Xokleng no Paraná: a análise do acervo do Museu Paranaense. Artigo editado no CD-ROM dos *Anais da VII Reunião de Antropologia do Mercosul*, Porto Alegre, 2007.

PARELLADA, Claudia I. et al. 2007. Cerâmica arqueológica do Museu Paranaense: novas abordagens na caracterização tecnológica. *Anais do I Simpósio Latino-americano sobre*

Métodos Físicos e Químicos em Arqueologia, Arte e Conservação do Patrimônio Cultural (I LASMACH), São Paulo, MASP.

PARELLADA, C.I.; CREMONEZE, C.; BATTISTELLI, E.; SARAIVA, M.P. *Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes*. Curitiba: Provopar Ação Social, 64p., www.artenossa.pr.gov.br, 2006.

PAULA, J.M. Memória sobre os botocudos do Paraná e Santa Catharina organizada pelo serviço de proteção aos selvicolas. *Annaes XX do Congresso Internacional de Americanistas*, Rio de Janeiro, 1922, n.1, p.117-137, 1924.

PREZIA, B.A. *Os indígenas do planalto paulista nas crônicas quinhentistas e seiscentistas*. São Paulo: Humanistas/ FFLCH-USP, 2000. 266p.

RIBEIRO, Berta. *Arte indígena, linguagem visual*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP (Coleção Reconquista do Brasil, 2 série), 1989. 186p.

RIBEIRO, Darci. (editor). *Suma etnológica brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 3.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M. O acervo etnológico do MAE/ USP: estudo do vasilhame cerâmico Kaingang. *Ver. Museu Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v.7, 1997. p.287-294.

SANTOS, Sílvio C. *Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Florianópolis: EDEME, 1973. 313p.

SANTOS, Sílvio C. *Os índios Xokleng : memória visual*. Florianópolis: UFSC-Univali, 1997.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. Boletim da Universidade de São Paulo, FFCL, São Paulo, n.188, Antropologia n.4, 1954.

SCHADEN, Egon. A representação do dualismo Kaingang no mito heróico tribal. In: _____. *A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil: ensaio etnossociológico*, 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1988. p. 103-116. (Série Passado e Presente).

SILVA, Fabíola A. As cerâmicas dos Jê do sul do Brasil e os seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia Kaingang e Xokleng. *Revista do CEPA*, UNISC, Santa Cruz do Sul, v.23, n.30, p.57-73, jul-dez 1999.

SILVA, Sérgio B. *Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais*. 2001. 366p. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SIMIEMA, J. Em que abrigos se alojarão eles? In: MOTA, L.T.; NOELLI, F.S.; TOMMASINO, K.(org.). *Uri e Wãxi: estudos interdisciplinares dos Kaingáng*. Londrina: EdUEL, 2000. p.227-260.

SOUSA, Gabriel S. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. 5 ed. São Paulo: Editora Nacional, Col. Brasileira, v. 117, 1987. 389p.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Tradução Alberto Löfgren. São Paulo: Beca Produções culturais, 2000. 191p.

TAUNAY, A.E. Os índios Kaingang. *Revista do Museu Paulista*, v.10. 1931.

TIBURTIUS, Guilherme & BIGARELLA, João J. *Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná*. Pesquisas: Antropologia.n.7, p.1-51, 1960.

TOCCHETTO, Fernanda B. Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani. *Rev. Museu Arqueologia e Etnologia*, USP, São Paulo, v.6, p.33-45, 1996.

TOMMASINO, Kimiye. *A história dos Kaingang na bacia do Tibagi: uma sociedade Jê meridional em movimento*. 1995. Tese (Doutorado). São Paulo: USP.

URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p.87-102.

VAN VELTHEN, Lúcia H. Em outros tempos e nos tempos atuais: arte indígena. In: AGUILAR, N. (Org.). *Mostra do redescobrimento: artes indígenas*. São Paulo: Fund. Bial de São Paulo, 2000. p. 58-91.

VEIGA, Juracilda. *Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nominação em uma sociedade Jê meridional*. 217p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UNICAMP, Campinas, 1994.

VEIGA, Juracilda. *Aspectos fundamentais da cultura Kaingang*. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, 2006.

WIESEMANN, U. Os dialetos da língua Kaingáng e o Xoklém. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, Rio de Janeiro, n.3, p.197-217, 1978.